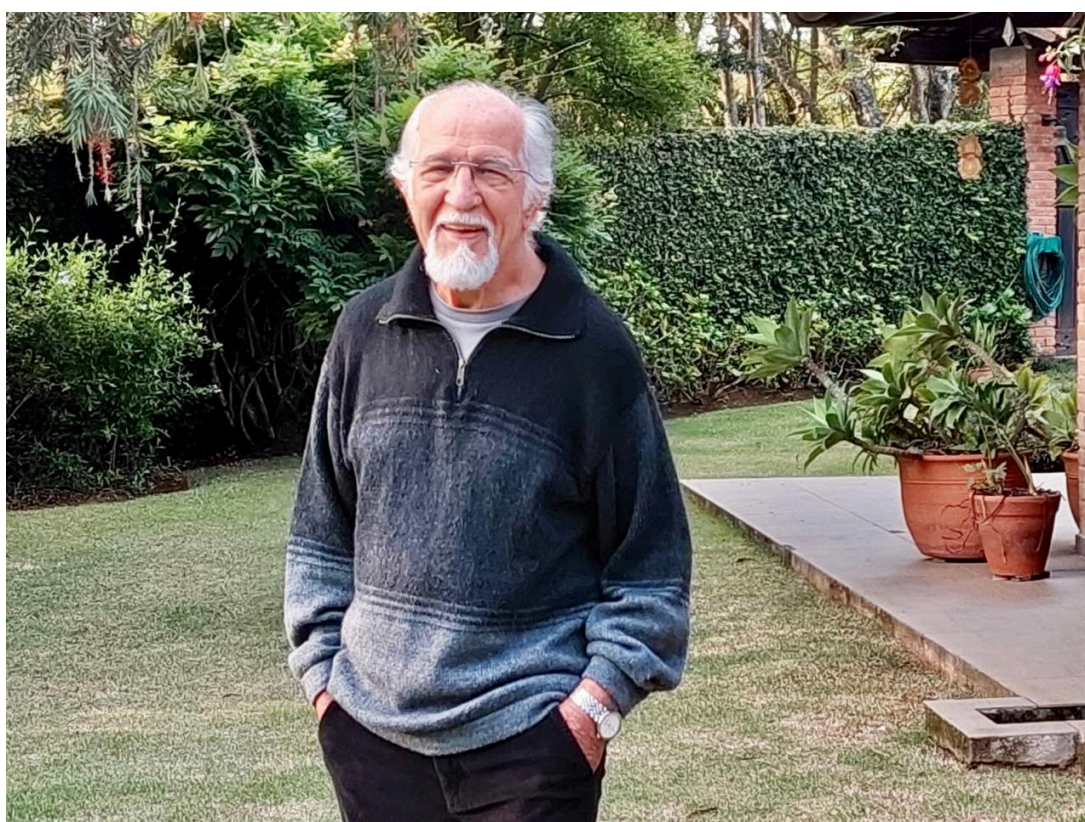


OPÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO: A TRAJETÓRIA DE CELSO JOÃO FERRETTI¹

Ronaldo Marcos de Lima Araujo²
Dante Henrique Moura³



É muito honroso escrever sobre a trajetória profissional do grande pesquisador e ser humano que é Celso Ferretti. É um privilégio e um desafio realizar

¹Artigo recebido em 08/05/2024. Aprovado pelos editores em 07/06/2024. Publicado em 07/08/2024. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v22i48.63971>.

Os autores agradecem a colaboração de Cláudia Vianna, Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta e Domingos Leite Lima Filho, que forneceram informações e fizeram correções necessárias.

²Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. E-mail: rlima@ufpa.br.

Lattes <http://lattes.cnpq.br/7901626430586502>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5982-793X>.

³Doutor em Educação pela Universidade Complutense de Madri, Espanha. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Brasil.

E-mail: dante.moura@ifrn.edu.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1720357515433453>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8457-7461>.

essa incumbência. Ele é um simpático senhor de cabelos brancos, cultivados já há algumas décadas. Simpático mesmo! Uma pessoa de convívio agradável e fácil, e isso é um consenso entre seus muitos amigos e alunos.

É também conhecido como um exímio pesquisador profissional, conhecedor e experimentado investigador, metucioso no uso adequado dos diferentes procedimentos de coleta, análise e de comunicação das pesquisas que fizeram dele uma referência na educação brasileira, em particular para o campo Trabalho e Educação, tendo ajudado decisivamente na sua consolidação.

Celso nasceu em 11 de novembro de 1935, no município paulista de Espírito Santo do Pinhal, na divisa com Minas Gerais. Lá cursou o primário, o ginásio e o colegial em escolas públicas. É de família de origem italiana, filho de pai bancário e de mãe dona de casa. Professor primário, pedagogo de formação com habilitação em orientação educacional, curso concluído em 1963. Celso atuou como técnico educacional durante muitos anos, o que foi decisivo para a sua identificação com o campo Trabalho e Educação, pois foi a partir desse contexto profissional que desenvolveu estudos sobre a orientação profissional e focou na relação entre a escola e o trabalho. Tem mestrado em Educação, concluído em 1974, e doutoramento também em Educação, cuja conclusão ocorreu em 1987. Celso produz regularmente na área de educação, focando em temas tais como política educacional, ensino médio, as relações entre educação e trabalho e educação profissional.

No curso colegial teve como professor o filósofo e pedagogo Joel Martins, que mais tarde veio a ser importante pesquisador e professor da Universidade de São Paulo, um dos fundadores dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais – CRPE – , vinculados ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP⁴. Essa relação ajudou Celso a tomar gosto pela atividade de pesquisa.

Celso queria fazer o antigo curso científico, mas foi o pai quem o obrigou a fazer o curso normal, a contragosto. Acabou seguindo a carreira docente, tendo trabalhado como professor primário substituto no município de Espírito Santo do

⁴ Criado pela Lei n. 378/1937 como Instituto Nacional de Pedagogia passou a denominar-se Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos por meio do Decreto-Lei nº 580/1938. Em 1972, passou a se chamar Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Atualmente denomina-se Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, denominação atribuída em 2001 pelo Senado Federal, em homenagem a um de seus principais ex-diretores. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/historia>>. Acesso em 06 de maio de 2024.

Pinhal-SP e depois na Escola Estadual Alberto Torres, no bairro do Butantã, em São Paulo. Mas, neste início de carreira, estava insatisfeito com a falta de perspectivas para a carreira de professor.

Foi em um reencontro com o Professor Joel Martins, em São Paulo, já no CRPE de São Paulo, que novas possibilidades para a carreira docente foram colocadas. Teve a oportunidade de participar de um processo seletivo para uma bolsa de formação nos Estados Unidos da América (EUA), na linha da Escola Nova. Depois de fazer um curso rápido de inglês, foi selecionado, junto com outras três professoras, e passou o ano de 1958 nos EUA, em um curso de formação financiado pelo Programa de Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar – PABAAE –, patrocinado pelo acordo MEC-USAID⁵, que tinha como objetivo formar professores das escolas primárias com novas estratégias escolares orientadas pelo progressivismo pedagógico, então dominante no pensamento educacional brasileiro.

Voltou em 1959 e, sob a perspectiva colocada acima, participou do processo de criação da Escola de Demonstração de Professores e do curso de especialização de professores para América Latina, coordenado por Joel Martins no CRPE de São Paulo, com apoio de Fernando Azevedo, no Centro de Pesquisas Educacionais, e de Anísio Teixeira, na presidência do INEP, pessoas com quem Celso conviveu e que tiveram importância em seu processo de formação.

Aos 28 anos, em 1963, passou no vestibular de Pedagogia na Universidade de São Paulo (USP), onde conviveu com José Mário Pires Azanha, Moisés Brejon, Heládio Antunha, Maria Amélia Goldberg, Celso Beisiegel, Sylvia Leser de Mello, Guiomar Namó de Melo e Maria José Garcia Werebe. Nesse período, teve maior contato com o pensamento político de esquerda, se contrapondo, junto com seus colegas, ao pensamento liberal defendido, entre outros, pelo Professor Roque Maciel de Barros, então diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (que aglutinava o curso de pedagogia) e articulista do Jornal Estado de São Paulo.

⁵ “Série de acordos produzidos, nos anos 1960, entre o Ministério da Educação brasileiro (MEC) e a *United States Agency for International Development* (USAID). Visavam estabelecer convênios de assistência técnica e cooperação financeira à educação brasileira. Entre junho de 1964 e janeiro de 1968, período de maior intensidade nos acordos, foram firmados 12, abrangendo desde a educação primária (atual ensino fundamental) ao ensino superior. O último dos acordos firmados foi no ano de 1976.” Tais acordos foram duramente criticados pelo movimento estudantil da época que via neles o projeto de privatização da educação brasileira. Disponível em: <[https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/mec-usaid#:~:text=Visavam%20estabelecer%20convênios%20de%20assistência,ensino%20fundamental\)%20ao%20ensino%20superior](https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/mec-usaid#:~:text=Visavam%20estabelecer%20convênios%20de%20assistência,ensino%20fundamental)%20ao%20ensino%20superior)>. Acesso em 06 de maio de 2024.

Sob influência do chamado tecnicismo educacional, o curso de pedagogia, na década de 1960, era regulamentado pela primeira LDB, Lei nº 4.024/1961, e, a partir de 1962, passou a ser regulamentado também pela Resolução do Conselho Federal de Educação (CFE) nº 62, que incorporou o Parecer CFE nº 251/1962, que tomava o pedagogo como um especialista em educação.

Celso, então, motivado por Maria José Werebe, professora do Setor de Orientação Educacional da USP, foi para a área da Orientação Educacional, que era forte naquela instituição em função da atuação deste setor no Colégio de Aplicação. Essa acabou sendo a sua porta de entrada para o campo Trabalho e Educação, pois a orientação vocacional/profissional seria parte integrante daquela área.

Nesse período, aumentou a sua proximidade com o pensamento político de esquerda e sua ação política na área de educação. Por isso, ele e seus colegas de graduação eram chamados de “os comunistas”. Não participou ativamente de nenhuma organização ou partido político, mas chegou a ser preso na Operação CRUSP⁶, em 1968, sendo logo liberado. Em 1978 participou do início da fundação do PT, no Núcleo de Perdizes, sem dar continuidade à militância partidária, apesar de manter-se como ativo sujeito político de esquerda.

Ainda em 1968 foi contratado como professor do Setor de Orientação da Feusp, junto com Maria Werebe e Sylvia Leser. Mas esse vínculo foi interrompido por um pedido coletivo de demissão em apoio à colega Guiomar Namó de Melo, que fora demitida por Roque Maciel de Barros.

Em 1970, passou em concurso para Orientador Educacional da Rede Estadual de Educação de São Paulo, sendo vinculado à Escola Estadual Virgília Rodrigues Alves de Carvalho Pinto, onde consolidou a sua atuação como técnico educacional, exercendo também essa função na Escola Santa Maria.

Seu interesse pela orientação educacional o direcionou para o mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), iniciado em 1970, na área da Educação, mas na subárea da Psicologia da Educação, disciplina que, ainda sob a influência do tecnicismo educacional, inspirava decisivamente as teorias e práticas de orientação educacional. Foi orientando da Maria Amélia Azevedo Goldberg e

⁶ A Operação CRUSP ocorreu no Conjunto Residencial da USP, na Cidade Universitária de São Paulo, onde, “Na madrugada de 17 de dezembro de 1968, as tropas do exército cercaram o CRUSP, prenderam 1400 estudantes, fecharam o Conjunto Residencial e instauraram um IPM – Inquérito Policial Militar, que resultou em processo e ordem de prisão para 32 residentes.” Disponível em: <https://crusp68.org.br/node/1#:~:text=Na%20madrugada%20de%2017%20de,de%20pris%C3%A3o%20para%2032%20residentes>. Acesso em 24 de abril de 2024.

defendeu a dissertação intitulada “A avaliação de um programa em formação escolar profissional”, em 1974.

Depois do mestrado começou a sua trajetória como profissional da pesquisa. Em 1975, foi assistente de pesquisa de Maria Amélia Azevedo, no Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

É esse exercício da pesquisa que o direciona para o doutorado na PUC-SP, em 1982, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação (hoje Educação: História, Política e Sociedade), fortemente influenciado pelas ideias de Dermeval Saviani, um dos fundadores daquele Programa. Durante o doutorado, teve maior contato com uma literatura crítica, de base marxista, e teve como professores Dermeval Saviani, Miriam Warde, Maria Helena Patto, Carlos Jamil Cury e seu orientador Evaldo Amaro Vieira, que foram importantes para que Celso passasse a tomar seus objetos de estudo numa perspectiva “sócio-econômico-cultural”, como define seu estudo sobre a trajetória ocupacional de trabalhadores, em contraponto às abordagens mais “psicologizantes”, características dos estudos de orientação profissional da época⁷. Esse curso foi importante para a formação de uma geração de pesquisadores brasileiros que, nele, teve contato com obras de Marx, Engels, Gramsci e autores marxistas brasileiros como Francisco de Oliveira e Florestan Fernandes. Celso estudou sistematicamente a economia política (estudou O Capital sob a supervisão de Antonio Joaquim Severino), o método do materialismo histórico e suas categorias e assumiu ali uma perspectiva unitária da ciência.

Assim como Celso, alguns de seus contemporâneos de doutorado se constituiriam em grandes pesquisadores de áreas importantes da educação brasileira, entre eles lembramos Gaudêncio Frigotto (a relação entre educação escolar e estrutura econômico-social capitalista), Vitor Paro (administração escolar), Manoel de Jesus Soares (filosofia) José Luiz Sanfelice (movimento estudantil), Celestino Alves da Silva Junior (supervisão escolar), Selma Garrido Pimenta (orientação educacional), Lucília Machado (unificação escolar e hegemonia), Acácia Kuenzer (a formação do trabalhador) e Naura Carapeto Ferreira (indivíduo e sociedade). Celso, portanto, compôs e é expressão de uma geração que ajudou na

⁷ Opção: Trabalho – trajetórias ocupacionais de trabalhadores das classes subalternas. (FERRETTI, 1988a).

constituição do campo crítico da pesquisa educacional brasileira e, mais decisivamente, do campo Trabalho e Educação.⁸

Esse aprofundamento de sua formação teórica marxista foi determinante não apenas para a condução de seus estudos doutorais, mas para toda a sua vida profissional seguinte, marcada pelo rigoroso uso do referencial eleito e pelos estudos sobre a relação entre as transformações do mundo do trabalho e a educação básica e profissional. Nesse período, portanto, se dá a sua opção pelo campo Trabalho e Educação e pelo marxismo.

Em 1987, defendeu a tese intitulada “Trabalho e Orientação Profissional – um estudo sobre a inserção de trabalhadores da grande São Paulo”, a qual foi publicada como livro, em 1988, (citado na nota 7 e incluído nas referências). Nele Celso tece uma crítica às bases pedagógicas, psicológicas e às práticas da orientação profissional (e concretiza o seu *detour* teórico), que pressupunha a escolha e a vocação para o exercício profissional, já que a suposta “escolha profissional”, na sociedade de classes, é restrita a quem tem condições materiais e informações para fazê-la e, quanto à vocação, é o prefaciador do livro quem explica:

Ninguém tem vocação para operar ou vigiar uma máquina, ou carregar, limpar, arrumar o dia inteiro um local, um fluxo de materiais, documentos *etc.* tarefas rotineiras, monótonas, repetitivas – que compõem em geral toda atividade subprofissional – não podem ser objeto de vocação e, portanto, estão fora do âmbito da Orientação Profissional (SINGER, 1988, X).

Concluída a sua formação acadêmica e aposentado da rede estadual de ensino em 1990, Celso passa a exercer exclusivamente as atividades de docência na educação superior e de pesquisa na Fundação Carlos Chagas, onde foi aprovado em concurso para a função de pesquisador, lá permanecendo até a sua aposentadoria em 2008. Em 1988, entrou como professor da PUC-SP e permaneceu ali até 2002. Depois assumiu a docência na Universidade de Sorocaba (Uniso), onde permaneceu até 2010.

De 2012 até 2016, foi professor Pesquisador Visitante Nacional Senior (PVNS) na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) na qualidade de

⁸ Para Maria Ciavatta Franco, “Dermeval Saviani, formou um primeiro grupo de pesquisadores que delinearam o percurso do campo TE [Trabalho e Educação]: Acácia Kuenzer, Gaudêncio Frigotto, Lucília Machado, Paolo Nosella, Celso Ferretti. Também se tornaram referência na área Miguel Arroyo e Iracy Picanço” (CIAVATTA, 2015, p. 28).

bolsista da CAPES. Neste período, integrou-se ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Trabalho, Educação e Tecnologia (GETET) e, mesmo após a conclusão de sua estada como bolsista, segue até o presente atuando neste grupo de pesquisa.

Para Domingos Leite Lima Filho (2024, s/p), coordenador do GTET/UTFPR:

No período de sua permanência em Curitiba, a contribuição de Celso para o GETET e para o PPGTE foi fundamental para a consolidação teórico-metodológica do programa e do grupo de pesquisa e avanço na formação de novos pesquisadores e pesquisadoras. Participou ativamente em inúmeras atividades, dentre as quais destaco: integrante da equipe da pesquisa “Políticas públicas para o Ensino médio e o PNFEM: potencialidades e obstáculos para a construção formação humana integral” (GETET-CNPq, 2014-2016); integrante da equipe de organização e coordenação do III INTERCRÍTICA (GETET – GT09 – ANPEd, 2016); ministrou a disciplina Qualificação Profissional para alunos de mestrado e doutorado do PPGTE, 2013; orientou dissertação de mestrado (2012-2014); realizou pesquisa sobre o implantação do ensino médio integrado no IF – Paraná (2012 – 2016); ministrou diversas palestras em eventos da UTFPR e outros.

Como se vê, Celso manteve regular, intensa e qualificada atividade intelectual. Nelas assumiu a docência, na graduação e na pós-graduação, a gestão de programa e orientou 38 mestres e doutores. Dessa forma, sua produção bibliográfica é vasta e rigorosa, constituída de livros, capítulos e artigos publicados em periódicos que ajudaram (e continua ajudando) a formar gerações de profissionais e pesquisadores da área de educação, em particular daqueles vinculados ao campo de estudo da relação entre o trabalho e a educação.

Alguns de seus livros abordam aquilo que Umberto Eco chama de “temas quentes”, ou seja, temas atuais, que ainda desafiam uma determinada área em função de seu pouco conhecimento. Em 1988, quando ainda iniciava o debate acerca da escola de tempo integral, publica junto com Vitor Paro, Claudia Vianna e Denise Souza o livro “Escola de tempo integral: desafio para o ensino público” (Paro; Ferretti; Vianna; Souza, 1988), com edição da Cortez/Autores Associados.

Em 1988, quando fez uma colaboração com o SENAC, publicou pela Editora Cortez o livro “Uma Nova Proposta de Orientação Profissional” (Ferretti, 1988b), que deu um giro na área de orientação profissional, com uma crítica de sua própria experiência de orientação educacional e orientação profissional. Nele defende a informação profissional como ferramenta chave para a orientação profissional.

Em 1994, junto com Dagmar Zibas, Felícia Madeira e Maria Laura Franco publica pela Editora Vozes a coletânea “Novas Tecnologias, Trabalho e Educação” (Ferretti; Zibas; Madeira; Franco, 1994) que se torna referência para quem estuda o impacto das novas tecnologias em uso no trabalho moderno, da empresa flexível, sobre a educação, a qualificação profissional e a escola.

Na mesma direção, publica em 1998, junto com João dos Reis Silva Junior e Maria Rita Oliveira, a coletânea “Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola?” (Ferretti; Silva Júnior; Oliveira, 1998), fruto de um seminário realizado na PUC-SP. O conjunto de autores reunidos analisam a relação entre os novos padrões produtivos da empresa integrada e flexível e seus impactos sobre a educação escolar. Nele enfrentam o debate do currículo e das práticas pedagógicas e os desafios colocados aos profissionais da escola diante das transformações sociais do final do século passado.

Publicou dezenas de artigos que revelam a sua trajetória. Os primeiros, ainda da década de 1970, focados na orientação educacional e na orientação profissional. Na década de 1990, seus artigos privilegiam o debate da qualificação profissional e da formação de trabalhadores e, a partir dos 2000, o foco principal é nas políticas educacionais, em particular naquelas destinadas à organização do ensino médio e da educação profissional brasileira. Sempre numa perspectiva crítica e já sob a inspiração clara e madura das leituras de Marx e Gramsci, suas principais referências.

Suas publicações mais recentes estão concentradas em periódicos especializados na área de educação e versam, majoritariamente, sobre a relação entre o ensino médio e a educação profissional técnica de nível médio. Nesse contexto tem sido intelectual combativo à atual reforma do ensino médio determinada pela Lei nº13.415/2017 e seus dispositivos complementares (Ferretti, , 2022; 2019, 2018a, 2018b, 2016a, 2016b)

Celso é um pesquisador respeitado e querido pelos pares e por seus alunos. É reconhecido por sua importância em particular para o campo Trabalho e Educação já tendo recebido diferentes homenagens nos principais eventos que tratam dessa relação.

É pesquisador militante, membro da diretoria do Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em

Educação (ANPED) desde a sua fundação, onde milita de forma orgânica no Grupo de Trabalho Trabalho e Educação (GT-09). É frequentador do INTERCRÍTICA – Intercâmbio Nacional dos Núcleos de Pesquisa em Trabalho e Educação – e exerce ainda hoje a função de Editor Associado da importante Revista Educação & Sociedade.

Domingos Leite Lima Filho (2024, s/p), amigo de Celso, cuja amizade intensificou-se durante sua estada na UTFPR, sintetiza assim esse convívio:

[..] durante quatro anos tive a imensa alegria e privilégio de conviver com o Celso, anos formidáveis de grande amizade intelectual e afetiva. Celso, amante da boa conversa, cinéfilo (não recusa convite para qualquer sessão de cinema, sempre atualizado), de um bom vinho e tudo o mais. Além do intelectual, o festeiro, junto com Cláudia (sua querida esposa) não recusa um forró, ou mesmo desfile de bloco carnavalesco, aqui em Curitiba, fomos a mais de um desfile do Bloco Garibaldi e Sacis, do qual sou fundador. Também é um militante, acompanhou conosco diversas lutas dos professores federais e também da APP sindicato dos professores da rede estadual do Paraná. E tudo isso sempre com o humor em alto astral.

Celso é casado com a também pesquisadora Cláudia Viana desde 1984, teve três filhos com sua primeira companheira. Duas meninas e um menino: Sandra (falecida), Mônica e Eduardo que lhe deu dois netos: Gabriela e Leonardo.

Atualmente mora em Vargem Grande Paulista, cidade da região metropolitana da cidade de São Paulo. Quando não está trabalhando, curte Jazz, cinema e fotografia. Respeitando a sua origem, não abre mão de um bom vinho e de uma boa comida, principalmente na companhia dos amigos e da sua Cláudia.

**Trajetória acadêmico-profissional de um educador
comprometido com a Classe Trabalhadora**



Foto 1: Celso, nos EUA

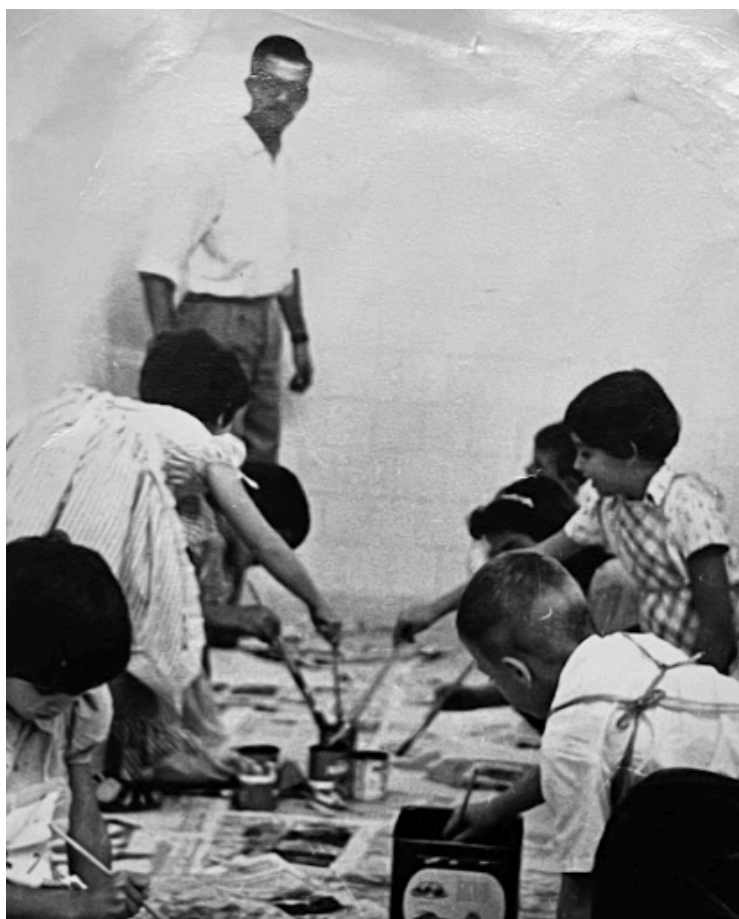


Foto 2: Celso, na escola de demonstração do CREPE



Foto 3: Celso Ferretti, homenageado no III InterCRÍTICA, realizado na UTFPR, Curitiba, setembro/2016



Foto 4: Fernando Fidalgo, João dos Reis Jr, Acácia Kuenzer, Celso Ferretti e Maria Ciavatta



Foto 5: Celso Ferretti, Eduardo (filho), Sandrinha (nora), Claudia (esposa) e Gabriela (neta)



Foto 6: Celso Ferretti e Mônica (filha)



Foto 7: Leo (genro), Leo (neto), Sandrinha (nora), Cláudia (esposa), Celso Ferreti, Mônica (filha), Eduardo (filho), Gabriela (neta)

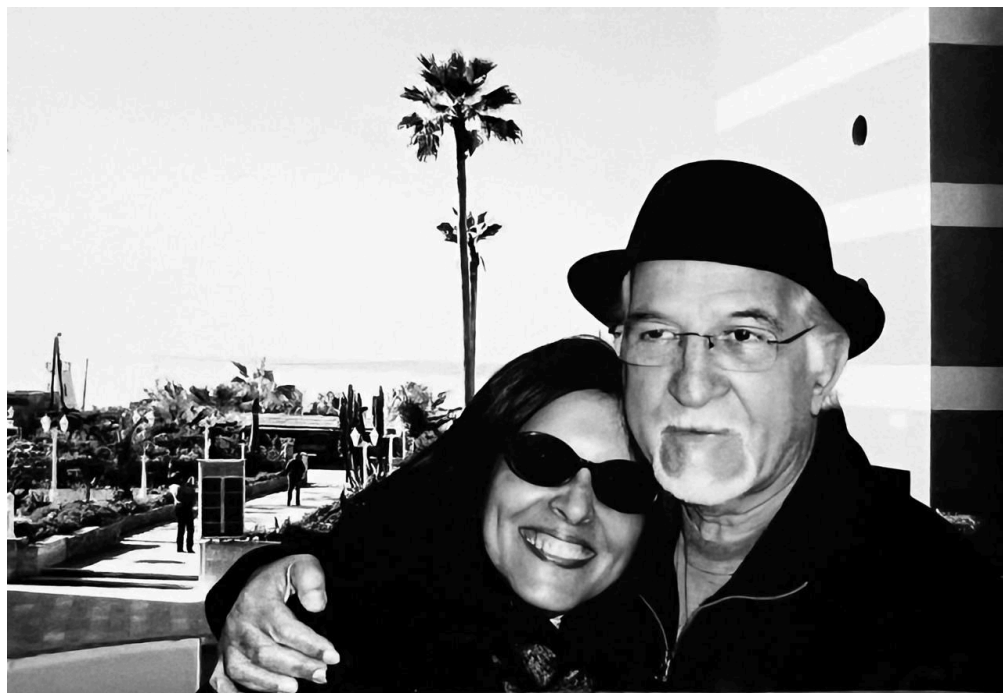


Foto 8: Cláudia Viana (esposa) e Celso

Referências

ClAVATTA, M. O percurso do GT Trabalho e Educação: um exercício de interpretação. **Trabalho Necessário**, v. 13, p. 22-50, 2015.

FERRETTI, C. J. **Opção**: Trabalho – trajetórias ocupacionais de trabalhadores das classes subalternas. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988a.

FERRETTI, C. J. **Uma Nova Proposta de Orientação Profissional**. São Paulo: Cortez, 1988b.

PARO, V. H; FERRETTI, C. J.; VIANNA, Claudia P.; SOUZA, Denise T. R. **Escola de tempo integral**: desafio para o ensino público. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988. v. 1. Disponível em <<https://www.vitorparo.com.br/wp-content/uploads/2019/10/2-escoladetempointegral-completo.pdf>> Acesso: 24. abr. 2024.

FERRETTI, C. J.; ZIBAS, Dagmar M. L.; MADEIRA, Felícia R.; FRANCO, Maria Laura P. B. (Orgs.). **Novas tecnologias, trabalho e educação**: um debate multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERRETTI, Celso J.; SILVA JUNIOR, João R.; OLIVEIRA, Maria R. N. S (Orgs.). **Trabalho, formação e currículo**: para onde vai a escola? São Paulo: Xamã, 1998.

FERRETTI, C. J. Reformulações do ensino médio. **Holos** (Natal. Online), v. 6, p. 71-91, 2016a.

FERRETTI, C. J. A implementação dos cursos técnico integrados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná. **Educere et Educare** (Impresso), vol. 11, nº 23, jul./dez. 2016b.

FERRETTI, C. J. A reforma do ensino médio: desafios à educação profissional. **Holos** (Natal. Online), v. 4, p. 261-271, 2018a.

FERRETTI, C. J. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. **Estudos Avançados**, v. 32, p. 25-42, 2018b.

FERRETTI, C. J. Limites e contribuições da educação para a formação de trabalhadores. **Cadernos de pesquisa**, v. 26, p. 60, 2019.

FERRETTI, C. J. Resistências à Reforma do Ensino Médio brasileiro: possibilidades e limites. **Revista Brasileira de Educação profissional e Tecnológica**, v. 1, p. 1-22-22, 2022.

LIMA FILHO, D. L. **[Conversa sobre Celso Ferretti]**. WhatsApp: 26 abr. 2024. 19:15. 1 mensagem de WhatsApp.

SINGER, P. Prefácio. In: FERRETTI, Celso. **Opção**: Trabalho – trajetórias ocupacionais de trabalhadores das classes subalternas. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988a.